



# Flor do Carmelo

Boletim informativo da Ordem Secular dos Carmelitas Descalços

N.º 25 – 2007

## Recuperar a experiência da ressurreição

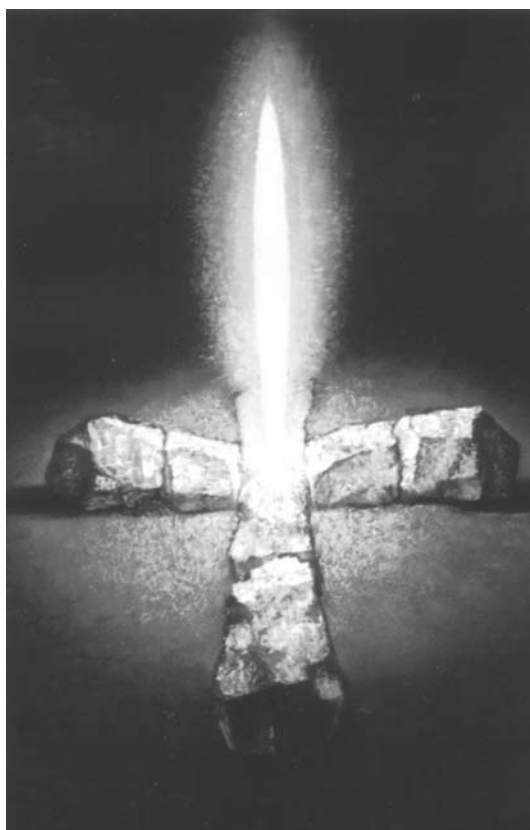
A espiritualidade cristã vivida até há pouco tempo pela maioria dos cristãos era uma espiritualidade muito dorida. A vivência cristã estava muito marcada pela paixão e morte de Jesus. Apareceram muitas Ordens e Congregações religiosas que inspiraram a sua formação espiritual na cruz e na paixão de Cristo. Temos por exemplo Passionistas, Sociedade do Preciosíssimo Sangue de Jesus, Estigmatinos, etc. Pelo contrário, na época imediatamente anterior e posterior ao Concílio, encontramos um florescimento das investigações sobre a ressurreição, e, tanto na liturgia como na piedade fez-se realçar quase exclusivamente a festa, a alegria, a vida.

Se antes o acento se colocava exclusivamente na paixão e morte, considerando a ressurreição como um epílogo ou apêndice, depois o acento colocou-se unicamente na ressurreição. Esta tendência suscitou em muitos o desejo de descrucificarem a Cristo, desejo que em muitos casos se concretizou. A salvação do homem não está na morte ou na ressurreição, mas na morte e ressurreição que constituem um só mistério.

Aparecem autores que convidam a recuperar a ressurreição e principalmente a experiência do Ressuscitado. Isto só é possível partindo de experiências humanas fundamentais.

Embora a ressurreição dependa do poder e amor de Deus, é resposta a um desejo e necessidade do homem. O Deus da criação iniciou uma história de amor com o homem que não é interrompida pelo pecado ou a morte deste, senão que perdura a pesar de tudo, porque Ele é fiel. Deus não criou nada para a morte, porque tudo é

fruto do amor e se não o tivesse amado não o teria feito. Onde o amor se encontra enraizado reclama imortalidade, como forma suprema de respeito pelo ser amado. Por isso onde a criação é pensada como fruto do amor é impensável a ideia da extinção da vida pessoal, a realidade máxima que conhecemos e em função da qual tudo existe. A aniquilação da pessoa é inconciliável com a fé no Deus criador.



Uma vez que Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, por amor efusivo, é inconcebível que o ame somente por um momento e consinta na sua destruição. O amor de Deus tem que ser para sempre”. Assim Deus dá crédito à sua fidelidade para com os homens que criou e com quem selou uma aliança, empreendendo uma história comum. De facto a ideia de ressurreição surge no Antigo Testamento. À fidelidade dos homens a Deus, morrendo exterminados por se manterem fieis à sua lei, Deus não pode responder com menor radicalidade que aquela com que eles, seus servos, respondem dando a vida. A ressurreição foi a expressão última, necessária, de uma fé na absoluta soberania do Deus criador, do Deus da aliança, do Deus fiel.

A ressurreição é o cumprimento da suprema aspiração do ser humano, que na unidade de espírito e matéria, de corpo e alma, de natureza e história, está aberto ao Absoluto, tende a Ele como vida e anela afirmar-se a si mesmo n’Ele como totalidade, como unidade psicossomática, como destino da finitude que não se sacia a si mesma senão na infinitude pessoal, como vocação originária, suprema necessidade e última graça.

Analisando os dinamismos do espírito humano desembocamos na ressurreição, como uma possibilidade com a qual o nosso ser chegaria à sua verdade, o mesmo podemos concluir se analisamos a via pessoal do amor. A essência do amor pessoal, quando não é um afecto possessivo que se apropria do outro para saciar as necessidades afectivas ou sexuais, é a sua afirmação gratuita, plena, incondicional e com isto a sua afirmação para além da morte. O ágape, como relação de amor em gratuidade absoluta, diferencia-se do eros, que é apropriação do outro e integração no marco das necessidades do amante. O ágape verdadeiro, que não deve ser pensado como realidade meramente espiritual senão que assume a totalidade somática e com ela a afectividade completa, é uma afirmação absoluta do outro, precisamente enquanto tal. Tal amor é negado na sua raiz pelo facto da morte. Daí que a experiência primordial do amor em ultimidade e gratuidade totais leve unida a afirmação da não morte da pessoa amada.

Filósofos como Marcel e Julian Marías, poetas como

Unamuno e José Maria Valverde mostraram como o amor e a morte são inconciliáveis. Por isso se o próximo amado por si mesmo é um absoluto, e se a existência humana é relação e afirmação do outro em gratuidade perene, a ressurreição está entranhada na vida pessoal.

Amor e morte são inconciliáveis, por isso se temem tanto e esse temor torna-os inseparáveis. É clássica a frase de G. Marcel: “Amar uma pessoa é dizer-lhe: ‘Tu, tu não morrerás nunca’”. Unamuno sentiu a morte como aniquiladora do amor e ao inverso o amor como aniquilador da morte. Isto leva-nos a compreender o que significou Concha, sua esposa, na vida e na obra de Unamuno. Ela foi para ele sinal e antecipação de um modo de eternidade, em vitória sobre a morte. É bem revelador que J. M. Valverde ponha como divisa para o seu poema “Hino para glorificar a minha esposa” o artigo do Credo: “Creio na ressurreição da carne”.

*P. Jeremias Carlos Vechina ocd*

---

## Louvor de glória

### Uma vocação singular

O homem tem tendência a olhar todas as coisas como referidas a si próprio, quando as deve observar sob o ponto de vista de Deus. A própria santidade não deve ser vista como um fim em si mesma, mas subordinada a um fim último que é a glória da Trindade. A esta conclusão chegaram os santos, depois de terem passado por todo o género de sofrimento que os foi desprendendo de si mesmos.

Algo semelhante aconteceu, dum modo rápido, no entardecer da vida de Isabel. Durante muito tempo ela sentiu-se parada em si mesma, incapaz de sair de si. Na sua Oração à Santíssima Trindade ela reconhece este seu estado de espírito. Quer ser uma esposa para Cristo, quer cobri-l’O da sua glória, quer amá-l’O até morrer de amor, “mas sinto a minha incapacidade”. Por isso dirige-se a Jesus e pede: “ajudai-me a esquecer-me inteiramente”, “para identificar a minha alma com todos os movimentos de vossa alma”. Deus ouviu a sua prece e libertou-a dessa situação, depois de a ter preparado para essa graça suprema, pela revelação do seu “nome novo”, esse nome que haveria de dar sentido definitivo à sua vida espiritual.

Isabel da Trindade, conversando um dia com a Madre Germana acerca do nome novo de que fala o Apocalipse e que se dará aos eleitos no céu, manifestou que ela tinha encontrado o seu próprio nome nas Epístolas de S. Paulo. Segundo o Apóstolo, dizia-lhe ela: “Fomos predestinados de acordo com o desígnio daquele que tudo opera, de acordo com a decisão da sua vontade

para que nos entreguemos ao louvor da sua glória. Já encontrei nestas palavras a minha vocação.

“E, já que hei-de ser eternamente no Céu ‘louvor de glória’, quero começar a ser já aqui, na terra, ‘laudem gloriae’”. Efectivamente esta foi a vida dessa alma escolhida em quem a fé se tornava activa por uma caridade ardente.

### Um pouco de história

Em continuidade, ou como coroamento da sua vivência trinitária, aparece na vida de Isabel uma nova característica da sua vocação pessoal: ser louvor de glória. Possivelmente trata-se da dimensão doutrinal mais original de Isabel da Trindade.

Esta expressão paulina, louvor de glória, encontrou eco, pela primeira vez, em Isabel numa carta dirigida ao seminarista André Che vignard, a 25 de Janeiro de 1904. Diz-lhe: “Há duas palavras que para mim resumem toda a santidade, todo o apostolado: ‘União, Amor’. Rogai que eu assim viva plenamente, e para tal que reste inteiramente sepultada na Santíssima Trindade; não haveríeis de me poder fazer mais belo voto! Adeus senhor Abade, rezo muito por vós, para que no dia do vosso sub-diaconado o Santo Deus venha encontrar a vossa alma como Ele a quer. Unamo-nos para Ele tudo fazer esquecer à força de amor e sejamos, como diz São Paulo, ‘o louvor da sua glória’” (C 191).

Conforme algumas testemunhas, embora não precisem datas, Isabel despertou para esta realidade e mergulhou no sentido desta expressão paulina, no decorrer de uma conversa com a Ir. Amada de Jesus. Ela tinha ido de visita à cela desta irmã mais velha, e como verdadeira discípula escutava-a com muita atenção. Iam trocando as suas experiências e inspirações, animando-se mutuamente, no amor a Deus. De repente a irmã diz-lhe: “Encontrei em S. Paulo uma passagem esplêndida: ‘Deus criou-nos para o louvor da sua glória’”.

Isabel ficou encantada e apaixonada por estas palavras do apóstolo. Ao entrar na sua cela a primeira coisa que fez foi procurar o texto latino que tanto a tinha impressionado. Ao não o encontrar, volta novamente à fala com a irmã: “Não sou capaz de encontrar essa passagem... Tenha paciência... Diga-me outra vez, sim ?...”.

Mais tarde o P. Philipon encontra-se com esta irmã que lhe conta o sucedido e acrescentou: “Depois disso, nunca mais me tornou a falar em tal assunto. Só mais tarde, quando a Irmã Isabel já tinha passado para a enfermaria, é que eu dei conta de que tanto a nossa Madre, como outras irmãs, a tratavam por ‘Laudem Gloriam’, ‘Louvor de Glória’. Eu por mim, nunca tinha ligado importância a essa passagem de S. Paulo. Não tive a graça que teve a Irmã Isabel, que dessa passagem havia de fazer o seu nome ‘Louvor de Glória’”.

De facto, no espaço mais ou menos de dois anos, desde que Isabel menciona pela primeira vez esta expressão nas suas cartas, não parece que ela tenha vivido com uma consciência clara esta realidade. É a partir de 1906 que isso acontece. É verdade que nas suas cartas esta expressão começa a aparecer, sobretudo ao longo de 1905, mas só a finais deste ano (1905) é que ela se apresenta claramente convencida de que essa era a sua vocação (Cf. C 220, 231, 244, 250).

Em carta ao Cônego Angles, escrita possivelmente a finais de Dezembro de 1905, Isabel faz-lhe a seguinte revelação: “Vou fazer-lhe uma confidência muito íntima: o meu sonho é ser ‘o louvor da Sua Glória’! ... Foi em S. Paulo que li esta frase, e o meu Esposo fez-me compreender que era essa a minha vocação, desde já, no exílio, e enquanto não chega o instante de ir cantar o ‘Sanctus’ na cidade dos santos. Isto, porém, pede uma grande fidelidade, pois, para ser ‘Louvor de Glória’,

importa estar morta para tudo que não é Ele, a fim de não vibrar senão quando Ele toca; e a miserável Isabel ainda faz bastantes tolices ao seu Amo e Senhor!”

Porém, como um Pai cheio de ternuras, Ele dá-lhe logo o seu perdão. O seu olhar Divino logo a purifica. Como S. Paulo, ela trata também de ‘esquecer o que fica para trás, para se atirar ao que está para a frente’. Como se sente a exigência de se santificar, de se esquecer para estar inteiramente no interesse da Igreja!” (C 256).

Isabel está plenamente convencida que se trata da sua vocação aqui e agora, uma vocação que o próprio Jesus lhe deu a conhecer. A partir daqui, sempre que ela

escreve a algum sacerdote com o qual tem alguma intimidade, pede-lhe que na Santa Missa a consagre como “hóstia de louvor” ou como “louvor de glória”.

Quando na tarde de Domingo de Ramos, uma forte crise se apodera dela, Isabel pensa que é o fim e põe-se à espera da morte, cheia de alegria... Mas por um pouco de saúde que lhe sobrevivem, o Senhor faz-lhe compreender que os trabalhos do convento já não são para ela, e que Ele quer que Isabel se ocupe por inteiro da Sua Glória. Então, Isabel toma consciência mais profunda do seu nome, esse “nome novo” que iria ser o seu na terra e na eternidade. “Ser um Louvor de Glória à Trindade”, é o que agora lhe pede o seu Amo e Senhor, sobre “esta camita que é o altar onde me imolo ao Amor” (C 294).

A sua vida interior simplifica-se cada vez mais. Ao

princípio lentamente, mas agora com rapidez, Isabel esquece-se inteiramente de si mesma. Agora não pretende outra coisa: “Deixar-se crucificar para ser louvor de glória”. O seu nome: Isabel da Trindade, já não traduz suficientemente o seu programa de vida. Para os mais íntimos já não assina simplesmente Isabel da Trindade, mas “Laudem gloriae”. A primeira carta que aparece com esta assinatura está dirigida a sua irmã Margarida, a primeiros de Janeiro de 1906 (cf. C 260).

É o canto do cisne de uma vida que já se está a apagar. Ela não tinha outro sonho que não fosse configurar-se com o Crucificado por Amor. É o que está a acontecer. Sobre a Cruz, Deus identifica-a com “Aquele que foi o perfeito louvor de glória de seu Pai”. Era isto que Isabel pretendia: “exprimi-l’O continuamente aos olhos do Pai”.



Com as irmãs de clausura que estavam dentro do seu “segredo”, ela já não se chamava senão “Laudem Gloríae”. E no post scriptum da carta de adeus para a sua irmã Margarida, dizia mais: “Há-de ser o meu nome no céu”.

Podemos dizer que este nome indica o traço mais característico da missão de Isabel da Trindade. A sua missão de “Laudem Gloríae” consiste em recolher as almas no fundo delas mesmas, não para ficarem aí, mas para as fazer sair de si mesmas – pelo amor e louvor de glória.

Devido à intervenção da Madre Germana, possuímos o Último retiro que a Irmã Isabel fez do dia 15 a 31 de Agosto. Isabel, embora doente, compreendeu e aceitou a sorrir o pedido da sua Priora e, no meio das insónias extremamente penosas, pôs-se a escrever. O seu Último retiro é a sua obra mais madura, é um verdadeiro tratado da União transformante, tal como ela a concebia na linha da sua vocação de “louvor de glória” e como a vivia.

*(Continua)*

## Mártires do ano de 2006

Em 2006, foram assassinados, enquanto desempenhavam o seu trabalho no campo missionário, 24 sacerdotes, religiosos e leigos, tão só uma pessoa a menos com relação ao ano anterior – no qual, por sua parte, se havia duplicado em comparação a 2004.

Como é costume, o órgão informativo “Fides”, do dicastério missionário, publicou no final do ano a relação destas mortes, referidas não só aos missionários “ad gentes”, mas a todo o pessoal eclesial que faleceu de modo violento ou que sacrificou sua vida consciente do risco que corria, antes que abandonasse o seu compromisso de testemunho e apostolado.

Este elenco da Congregação vaticana para a Evangelização dos Povos evita explicitamente o termo “mártires” para não intervir no juízo que eventualmente a Igreja possa dar deles, assim como por falta de notícias em muitos casos das circunstâncias das suas mortes.

Propõe-os em todo caso para recordação e sufrágio, a fim de que o seu sacrifício não caia no esquecimento, e pelo tributo que deram ao crescimento da Igreja em todas as partes do mundo, ao serviço da promoção humana e da evangelização.

A África é o continente que registrou no ano passado maior número de vítimas: morreram violentamente 9 sacerdotes, uma religiosa e uma voluntária leiga. A nação com maior número de sacerdotes assassinados é o Quênia – três presbíteros mortos –; segue a Nigéria, com o falecimento de outros dois.

O segundo continente em mortes violentas em 2006

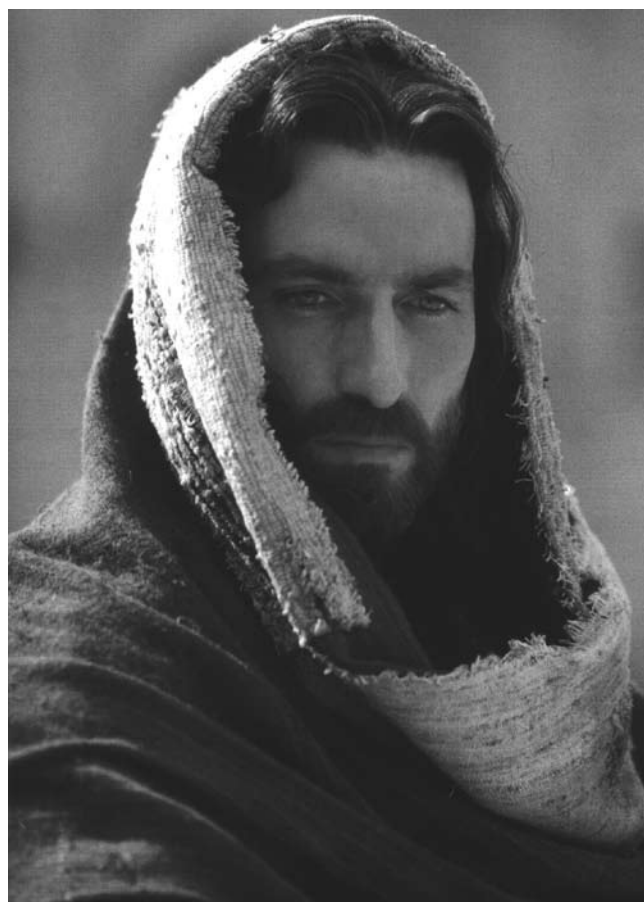
é a América: perderam a vida 6 sacerdotes, uma religiosa e um leigo. O Brasil é a nação onde a Igreja perdeu dois dos seus membros.

Por sua parte, perderam a vida, na Ásia, dois sacerdotes, uma religiosa e um leigo.

A Oceânia foi cenário da morte violenta de um religioso. Trata-se – explica Fides – de uma lista provisória à qual se devem acrescentar aqueles de quem nunca haverá notícias, “que sofrem em todos os cantos do planeta e pagam com a sua vida a fé em Cristo”.

O sacerdote burundinês Elie Koma, da Companhia de Jesus, foi assassinado a tiro na capital, Bujumbura, na noite de 4 de Fevereiro. Tinha 59 anos.

André Santoro, sacerdote “Fidei donum” de 61 anos da diocese de Roma, foi assassinado em Trebisonda (Turquia), no dia 5 de Fevereiro de 2006.



«... e sereis minhas testemunhas»

O Padre José Afonso Moreira, da Congregação do Espírito Santo (Espiritanos), de nacionalidade portuguesa, foi assassinado no dia 9 de Fevereiro em Bailundo, Angola. Tinha 80 anos.

No dia 18 de Fevereiro, o sacerdote nigeriano Michael Gajere foi assassinado por um grupo de homens armados em Maiduguri (Nigéria).

A Irmã Maria Yermine Yamlean, de 33 anos, das Filhas de Nossa Senhora do Sagrado Coração, natural da Indonésia, foi assassinada no dia 10 de Março, na cidade de Ambon, capital das Ilhas Molucas.

# Aumenta o número de católicos e de sacerdotes no mundo

O Padre Eusébio Ferrão, 61 anos, pároco da igreja de São Francisco em Macazana, Goa (Índia), foi assassinado no dia 18 de Março.

O Padre Bruno Baldacci, sacerdote “Fidei donum” da diocese italiana de La Spezia, de 63 anos, foi encontrado morto no dia 30 de Março no seu quarto na paróquia de Nossa Senhora das Candeias, onde era pároco, em Vitória da Conquista, Bahia (Brasil).

Nos arredores de Córdoba (Argentina) perdeu a vida o sacerdote de 77 anos Luís Montenegro, no dia 12 de Abril.

A Irmã Karen Klimczak, de 62 anos, foi assassinada em Búfalo, Nova York (Estados Unidos), dia 14 de Abril.

Em Isiolo (Quênia), foi morto em Abril o sacerdote Galgalo Boru.

O sacerdote Jorge Piñango Mascareño, subsecretário da Conferência Episcopal Venezuelana, foi encontrado morto no dia 24 de Abril em Caracas.

De origem brasileira, o sacerdote diocesano de 44 anos José Carlos Cearense foi encontrado morto, no dia 9 de Maio, na casa paroquial junto à igreja Santa Maria dos Anjos, em Delta, Minas Gerais (Brasil).

Jude Kimeli Kilbor, sacerdote queniano de 57 anos, trabalhava na pastoral carcerária havia cinco anos quando foi encontrado morto no dia 11 de Maio em Eldoret.

Luis Afonso Herrera Moreno, franciscano (OFM), colombiano de 46 anos, foi assassinado à pedrada em Bonda (Colômbia), no dia 28 de Junho.

John Mutiso Kivaya, de 35 anos, queniano, foi assassinado em Tala, no dia 31 de Julho.

Na Nigéria, morreu o sacerdote Chidi Okorie, de 31 anos, no dia 4 de Agosto.

O Irmão Augustine Taiwa, de 40 anos, da Ordem Hospitaleira de São João de Deus, foi morto no dia 28 de Agosto, em Papua Nova Guiné.

Missionária da Consolata, a Irmã Leonella Sgorbati, de 66 anos, foi assassinada no dia 17 de Setembro em Mogadiscio, Somália.

Sacerdote salvadorenho de 53 anos, Ricardo António Romero foi assassinado no dia 25 de Setembro em El Salvador.

Pascal Koné Naougnon, sacerdote de 51 anos da diocese de El Callao (Peru) foi assassinado no dia 31 de Outubro em Divo, Costa do Marfim.

O Padre Waldyr dos Santos, jesuíta brasileiro de 69 anos, e a voluntária leiga portuguesa Idalina Neto Gomes, de 30 anos, foram assassinados no dia 6 de Novembro por um grupo de homens armados que atacaram a residência de Angonia, na província de Tete (Moçambique).

Um leigo, Jacob Fernández, administrador da livraria anexa ao Santuário do Monte de Santo Tomás a Chennai, no estado de Tamil Nadu (Índia), no dia 26 de Novembro, enquanto trabalhava, foi assassinado.

Cooperador salesiano na Guatemala, Johnny Morales, de 34 anos, foi assassinado no dia 8 de Dezembro numa emboscada quando saía do trabalho.

Segundo revela a última edição do Anuário Pontifício 2007, apresentada a Bento XVI, aumentou levemente no mundo o número de católicos e de sacerdotes. Segundo os últimos dados disponíveis, que esse volumoso livro apresenta, de 2004 a 2005, os católicos no mundo passaram de algo mais de 1.098 biliões a cerca de 1.115 biliões, um aumento de 1,5%.

Um comunicado de apresentação deste volume, emitido pela Sala de Imprensa da Santa Sé, explica que, “dado que este crescimento relativo é sumamente próximo ao da população mundial (1,2%), a presença dos católicos no mundo permanece essencialmente sem variação (17,20%)”.

Se estas mudanças forem analisadas geograficamente nesse período de tempo, pode-se constatar “um aumento de 3,1% dos católicos na África, que, contudo, aumentou a sua população em algo menos de 2,5%”, declara.

“Também nos continentes asiático e americano se registrou um aumento de católicos superior ao da população (de 2,71% contra 1,18% no caso da Ásia, e de 1,2% contra 0,9% no caso da América)”, continua explicando a nota vaticana.

“Na Europa assiste-se a um leve aumento dos católicos e uma situação de quase estabilidade da população presente”, informa.

Pelo que se refere ao número de sacerdotes, tanto diocesanos como religiosos, o Anuário Pontifício revela que se “passou, no biénio 2004-2005, de 405.891 a 406.411, com um aumento de 0,13%”.

“Ante os importantes aumentos no caso da Ásia e África, onde se registrou respectivamente um aumento de 3,80% e de 3,55%, opõe-se a situação da Europa e da América, onde se dá uma diminuição de 0,5%, e a da Oceânia, com uma baixa de 1,8%”, revela a fonte.

A percentagem de sacerdotes por continente revela poucas mudanças no biénio analisado.

“A África e a Ásia contribuíam conjuntamente, no ano 2004, com 19,58% do total mundial; em 2005, a sua percentagem elevou-se a 20,28%. A América mantém uma percentagem de 29,8%, enquanto a Oceânia permanece relativamente estável, com uma percentagem superior a 1%”.

“O único continente que experimentou uma diminuição nesta percentagem foi a Europa: em 2004, os seus 199.978 sacerdotes representavam quase 49,3% do total do mundo, enquanto um ano depois haviam diminuído para 48,8%”, indica.

“O número dos estudantes de filosofia e teologia nos seminários diocesanos ou nos religiosos passou de 113.044, em 2004, a 114.439, em 2005”.

Isso implica, assinala o Vaticano, que “no seu conjunto, neste biénio, deu-se um aumento de 1,23%”. “Esta variação relativa foi positiva na África (3,46%), na Ásia (2,90%) e na América (0,6%), enquanto a Europa registrou uma diminuição de 1,9%. O número de seminaristas na Oceânia estabilizou em torno das 950 unidades”.

“Em 2005, de cada 100 candidatos ao sacerdócio de todo o mundo, 32 eram americanos, 26 asiáticos, 21 africanos, 20 europeus e 1 da Oceânia”, conclui a nota informativa vaticana.

“Ponham sempre os olhos na casta de onde vimos, naqueles Santos Profetas. Quantos santos temos no céu que trouxeram este hábito! Tenhamos a santa presunção, com a ajuda de Deus, de ser como eles”

*Santa Teresa de Jesus*

## Comunidade de Viana do Castelo

Aos vinte e um dias do mês de Janeiro do ano dois mil e sete, pelas dezasseis horas e trinta minutos, na



sala das reuniões da Ordem Secular dos Carmelitas Descalços em Viana do Castelo, reuniram-se quarenta e cinco irmãos e o Assistente Espiritual, Padre António Fernando Sá dos Reis.

Aberta a sessão, depois da oração inicial a Secretária apresentou e leu o relatório referente ao triénio Janeiro dois mil e quatro a Janeiro dois mil e sete e pô-lo à disposição da Comunidade. Seguidamente o Tesoureiro

apresentou o relatório financeiro e o livro de contas. Após aprovação dos mesmos os livros foram assinados pela Presidente e pela Secretária, cumprindo-se assim o que prescreve o artº. nº. 66 dos Estatutos.

Conforme o estabelecido no artº. 45 dos Estatutos procedeu-se à eleição do Presidente e três Conselheiros para o triénio Janeiro dois mil e sete a Janeiro dois mil e dez.

Feita a votação do Presidente da qual tiveram direito a voto quarenta e dois irmãos resultou ser necessário recorrer a três escrutínios. Na primeira e na segunda votação a irmã Maria da Luz Barbosa, presidente desta Comunidade, em dois mandatos, foi a mais votada mas não obteve os dois terços de votos, sendo eliminada.

Procedeu-se a um terceiro escrutínio do qual foi escolhida pela maioria a irmã Maria Luísa Palma Rodrigues Cambão, cumprindo-se assim o que prescreve o artº. nº. 57 dos Estatutos.

Depois desta eleição o Assistente Espiritual pediu à irmã eleita para expressar a sua aceitação, artº. nº. 60 dos Estatutos.

Seguidamente a Presidente recém-eleita propôs os três Conselheiros à assembleia e passou-se à votação que os votou tendo sido eleitos os irmãos: Maria de Fátima Gomes Pereira, Maria Madalena Cadilha Brito, Maria Filomena da Rocha Silva.

E com esta votação deu-se cumprimento ao artº. nº. 61, dos Estatutos. Pela Presidente nomeada foi marcada

uma reunião com os Conselheiros, a fim de serem escolhidos os cargos de Secretária, Tesoureira e Mestre de Formação. Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão e elaborada a presente acta que depois de lida e aprovada vai ser assinada pelos novos membros designados e pelo Assistente espiritual.

*O cronista da comunidade*

# Comunidade de Tavira

No dia 21 de Janeiro teve lugar o ritual das Promessas definitivas dos irmãos que fazem parte da Comunidade e a admissão de um bom número de novos elementos.

Fizeram Promessas Definitivas: Maria Elsa Assis Palmeira Paula, João António Gonçalves Paula, Maria Luísa do Carmo Quintelas, Maria Catarina dos Santos, Maria José Estrelo Rosendo e Maria da Encarnação



Cardoso Vieira dos Santos

Fizeram as Primeiras Promessas: Ilda Maria dos Ramos Martins, Idalina Colaço Augusta e Maria Sebastiana Pereira Conceição

Renovaram as suas Promessas: Ivo do Carmo Leitão, Maria Alzira Pereira Dias Leitão, Carmelita Fonseca

Serôdio Bota, Maria das Dores Pereira Vidal Afonso, Maria da Conceição do Carmo Guerreiro Conceição e Maria Isabel Mestre Veríssimo Gomes Pereira.

Como o acontecimento o pedia esteve presente e presidiu à celebração o bispo da diocese, D. Manuel Quintas. O nosso Provincial, P. Pedro Lourenço Ferreira, quis estar presente, uma vez que esta Comunidade tem a sua história – trata-se nada menos da primeira Ordem



Terceira do Carmelo Teresiano, tanto de Espanha como da América.

Esta Comunidade subsistiu, apesar da ausência dos Padres Carmelitas da daquela cidade – foram nada menos que cento e sessenta e tal anos – embora tivesse perdido, em grande parte, o seu espírito primitivo.

---

## Nova fundação na Bósnia

No dia de Santo Elias, 20 de Julho de 2006, foi inaugurado o primeiro convento de Carmelitas Descalços na Bósnia, junto ao lago de Busko a Zidine, diocese de Mostar. A Igreja dedicada a Santo Elias foi benzida e o altar consagrado pelo Ordinário do lugar, o bispo Ratko Peric, e o amplo espaço do convento e do Centro de espiritualidade foram benzidos pelo N. P. Geral Luís Arostegui Gamboa, durante a celebração solene.

O convento encontra-se a 730 metros sobre o mar, numa região montanhosa, a uma hora de carro do aereo-

porto de Split (Croácia), e a hora e meia de Medjugorje. Além da Igreja e do convento, encontra-se o Centro de espiritualidade com 26 quartos com casa de banho privativa, uma grande sala de conferências e cabinas para tradução simultânea, diversas salas para trabalho de grupo, uma sala interconfessional para a oração e prática de meditação, etc. A comunidade actual conta com 4 religiosos: três padres jovens e um irmão também ele jovem.

“Agora começamos  
e procurem ir começando sempre de bem em melhor”

*Santa Teresa de Jesus*

# Notícias do Carmelo de Seul

As irmãs do Carmelo de Seul foram abençoadas na medida em que puderam fazer duas fundações, uma em Phon Penh, no Camboja, e outra em Dongducheon, na Coreia. No dia 25 de Junho de 2006, primeiro aniversário do envio de cinco irmãs para o Camboja, receberam um belo terreno da parte da Igreja local, para construir o Mosteiro. Entretanto vivem numa casa, aprendendo a língua e a cultura local. As Carmelitas vieram ao encontro das esperanças e desejos de muitas pessoas que rezam pela reunificação pacífica das duas Coreias. No dia 30 de Junho teve lugar a cerimónia da implantação da primeira pedra, com a missa do bispo Lee da nova diocese de Uijeongbu, celebrante principal, acompanhado pelo bispo auxiliar da diocese de Seul, 50 sacerdotes, entre eles os padres Carmelitas e 1300 pessoas vindas de diversas partes.

## O Carmelo na Letónia

Três Carmelitas, os pioneiros da experiência de fundação, iniciam os primeiros passos na Letónia. No dia 7 de Setembro de 2006 chegaram a Letónia, uma das três repúblicas bálticas, com a intenção de se estabelecerem em Riga, a capital. Iniciou-se também a construção de um mosteiro de irmãs Carmelitas Descalças em Iksile. O cardeal Janis Pujats abençoou a primeira pedra da construção de 18 celas e quartos para pessoas que queiram viver dias de oração e retiro à sombra do Carmelo.

Com 64.598 quilómetros quadrados, este pequeno país não chega à extensão da Irlanda. É um espaço territorial suficiente para os seus 2.300.000 habitantes.

Os pioneiros Carmelitas são o P. Alexandre Salazar, da província de Colômbia, e o P. Jaroslaw Nenza, da província de Cracóvia. Semanas mais tarde uniu-se a estes o P. Victor Hurtado, da província do México, que terminou a sua licenciatura em Espiritualidade na Faculdade Teológica Teresianum, de Roma.

Actualmente vivem numa escola católica e a sua tarefa reduz-se praticamente, a aprender a língua local. A Igreja da Letónia acolheu-os com entusiasmo. Na Letónia, já há um promissor grupo do Carmelo Secular, de vinte membros, que promoveu e pôs em andamento a presença Carmelita no país. O actual “Foro cristão Pró-Diálogo e Religião Edith Stein” poderia passar para a responsabilidade dos Carmelitas.

# Um busto do Papa, obra de um Carmelita

A Universidade Lateranense de Roma inaugurou um novo Auditório e uma nova biblioteca. Todos os locais estão dedicados a Bento XVI, e ele próprio em pessoa os benzeu e inaugurou, na manhã de 21 de Outubro passado. A grande surpresa do Papa aconteceu quando se encontrou diante dum busto seu de bronze, de 80 cm de altura, que o representa de modo inconfundível. Precisamente naquele momento, o Reitor Magnífico Mons. Rino Fisichella chamou à presença do Papa o próprio escultor. Trata-se de Fr. Serafim Melchiorre, Carmelita da província de Veneza, muito conhecido nos ambientes artísticos romanos, italianos e também no estrangeiro. O Papa congratulou-se vivamente com o Fr. Serafim, abraçando-o reconhecidamente e manifestando-lhe a sua alegria.

## Santa Teresa Benedita da Cruz no Vaticano

No oitavo aniversário da sua canonização, na véspera da data do seu nascimento, 11 de Outubro, ao meio dia, o Papa Bento XVI procedeu à benção da estátua em mármore de Santa Edith Stein, colocada num nicho livre da absida da Basílica Vaticana. É obra do escultor Wolfgang Bialas. O Papa permaneceu diante da estátua depois da Audiência Geral das Quartas-feiras, na praça de S. Pedro, quando voltava para o palácio apostólico. Benzeu a estátua com uma oração simples. Estava presente uma centena de pessoas, vindas de Colónia, de Bergzabern e de Friedrichstahl, uma delegação de freiras e monges ortodoxos, um grupo de rabinos guiados pelo reitor do Abraham Geiger Kolleg de Berlim, um grupo da Associação italiana Edith Stein. O cardeal Joaquim Meisner, arcebispo de Colónia, presidia à delegação alemã, acompanhado do cardeal Marchiano (Roma) e Cipriani Thorne (Lima), e de outros bispos, e do novo Embaixador alemão junto da Santa Sé. Estava também presente o P. Xavier Jayraj, Definidor Geral OCD, que representava a nossa Ordem.

Na Basílica Vaticana e no seu exterior, já se encontram as estátuas de Santo Elias e de Santa Teresa de Jesus como fundadores. Ao lado de Santa Teresa Benedita da Cruz já tinha sido colocada, há três anos, a estátua de Santa Teresa de Jesus dos Andes.



Boletim Informativo das Fraternidades da Ordem Secular da Província Portuguesa de Nossa Senhora do Carmo dos Carmelitas Descalços \* Fotocomposição: Delfim Machado \* Responsável da publicação: P. Jeremias Carlos Vechina \* Sede: Domus Carmeli – Rua do Imaculado Coração de Maria – 2495-441 Fátima Tel. 249 531 210 E-mail: jeremias@carmelitas.pt; Sítio: www.carmelitas.pt